

TEMPO E MEMÓRIA

Mariana Luz Pessoa de BARROS¹

- RESUMO: Na autobiografia, a vida é narrada por aquele que a viveu. O passado, que está presente apenas na memória, é recuperado em forma de narrativa. Por ser impossível revivê-lo na temporalidade física, é preciso recriá-lo no tempo linguístico. Mas como recuperar algo que já não existe mais? Ao tratar de questões como essa, as autobiografias refletem a respeito do tempo. Daí o interesse de apresentar, neste artigo, um estudo semiótico do tempo no discurso autobiográfico. Duas obras são analisadas com essa finalidade: *Baú de ossos*, de Pedro Nava, e *Infância*, de Graciliano Ramos. A partir do estudo da sintaxe discursiva, examina-se em tais obras a construção do tempo passado como estratégia enunciativa. O trabalho, além de mostrar as especificidades de cada texto estudado, também estabelece as características temporais gerais da autobiografia, como a presença de três temporalidades distintas, a *da narração*, a *do narrado* e a *da memória*.
- PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia. Memória. Tempo. Gênero. Sintaxe discursiva. Pedro Nava. Graciliano Ramos.

*Como o tempo, ainda mais sem corpo,
pode trabalhar suas verrumas?
E se seu corpo é nada,
onde é que as dissimula?
Ora, como mais que o vento é oco
e sua carne é de nada, é nula,
não agride a paisagem:
é de dentro que atua.
João Cabral de Melo Neto (1997, p.64)*

Na autobiografia, a vida de um sujeito é narrada por ele mesmo. Ele recupera, por meio da escritura, o passado, o que está ausente. Isso só é possível na temporalidade da língua e não na temporalidade física, pois é a língua que permite falar sobre aquilo que não é. A manipulação dos tempos linguísticos ajuda, então, a compor a narrativa do passado como memória presente.

Por tratar-se de um gênero que possui a própria passagem do tempo como temática e até mesmo como figura, a autobiografia constitui objeto privilegiado

¹ USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Linguística – São Paulo – SP – Brasil. 01423-001 – maluzpessoa@hotmail.com

para seu estudo. Assim, neste trabalho², com base na Teoria Semiótica de linha francesa, examina-se, a partir da análise da sintaxe discursiva temporal e da aspectualização do tempo, a construção do passado como estratégia enunciativa em duas obras, *Baú de ossos*, de Pedro Nava (2000), e *Infância*, de Graciliano Ramos (2003). Questões de semântica discursiva também serão abarcadas quando necessárias para uma melhor compreensão dos efeitos criados pela sintaxe e pela aspectualização do tempo.

Pretende-se, além de observar o modo singular como o tempo se realiza em cada uma das obras estudadas e os efeitos de sentido nelas produzidos por cada arranjo temporal, apresentar hipóteses mais gerais a respeito da autobiografia. O estudo das estratégias enunciativas permite depreender as coerções temporais do gênero autobiográfico, já que “Essas operações codificam os grandes gêneros do discurso e a estruturação dos textos”. (BERTRAND, 2003, p.109). A pergunta central que se busca responder é se há uma organização temporal própria a esse gênero e de que modo essa organização revela a forma como o enunciador se relaciona com o seu enunciado e com o seu passado.

A escolha de *Baú de ossos* e de *Infância* explica-se pelo fato de serem obras de autores consagrados de autobiografias, que servem como referência no gênero, mesmo que, em alguns aspectos, desestabilizem suas coerções. Assim, para um estudo inicial sobre as características temporais que definem esse gênero, parece interessante examinar textos brasileiros paradigmáticos³.

Além disso, o interesse em estudar *Baú de ossos* e *Infância* está relacionado ao fato de serem obras radicalmente diferentes entre si. Em cada uma, o passado é representado de forma singular, o que evidencia uma posição distinta do narrador e do enunciador com relação não só a esse período da vida, mas à vida em geral. Essa diferença é manifestada também por um uso distinto das estratégias linguísticas e discursivas nesses livros. Os sistemas e tempos verbais, por exemplo, não são utilizados da mesma maneira. Embora ambas tratem das origens, em Nava, isso significa apresentar a genealogia, os precursores e os primeiros anos de vida e, em Graciliano, limitar a narrativa quase que somente às experiências da criança. A comparação entre autobiografias tão diferentes pode ser bastante útil para o

² Este artigo retoma algumas das conclusões a que chegamos na dissertação de mestrado “A arquitetura das memórias: um estudo do tempo no discurso autobiográfico”, realizada sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Fiorin e defendida na USP, em 2006.

³ Antonio Candido (1992, p.58) mostra a importância dos dois livros autobiográficos de Graciliano Ramos, *Infância* e *Memórias do cárcere*: “[...] são grandes livros, ao nível do que melhor escrevera até então.” Aguiar (1998, p.13-14 e p.16) ressalta o impacto que teve a publicação da obra de Nava: “Ao lançar suas *Memórias*, Nava logo se tornou um *best-seller*. A cada volume publicado, seu nome ia para a lista de mais vendidos. Certamente, seu modo de reconstruir o tempo, num estilo exuberante, refinado, divertido e por demais envolvente, foi decisivo para o sucesso da obra junto ao público e também à crítica”. Para o crítico, Nava vem preencher um lugar vago na tradição do memorialismo brasileiro: “É como se o próprio gênero tivesse reservado para ele, à espera do seu melhor praticante.”

estudo do gênero, pois possibilita a verificação tanto daquilo que nele é estável como daquilo que varia.

Baú de ossos é o primeiro volume das memórias de Pedro Nava, que conta ainda com cinco volumes. Lançado em 1972, quando o autor já beirava os setenta anos, o livro, ao contrário do que é comum nas autobiografias, não conta a vida de um autor já consagrado em outros gêneros, pois foi justamente por meio das *memórias* que Nava ganhou destaque no cenário da literatura nacional.

Neste primeiro volume, *Baú de ossos*, é narrada não apenas a história pessoal do narrador, mas a de seus antepassados e também de amigos e conhecidos da família. Recupera-se, assim, a vida social de outros tempos. A obra está dividida em quatro partes: “Setentrão”, “Caminho Novo”, “Paraibuna” e “Rio Comprido”. A primeira aborda a história dos parentes do lado do pai do narrador, originários do Ceará e do Maranhão, mais liberais e queridos por ele. Ela trata dos antepassados mais distantes, como seus pentavós Salvador de Souza Brasil e Tereza Joaquina, da ilha de São Miguel, até seus avós. Já a segunda parte é dedicada aos antepassados de sua mãe. Vinda de Minas Gerais, essa parte da família, formada por uma aristocracia agrária decadente, recebe um tratamento menos amistoso. O capítulo inicia-se com uma breve descrição, que é acompanhada por uma impiedosa avaliação da sociedade mineira.

A terceira parte, “Paraibuna”, descreve a vida do pai, José Pedro da Silva Nava, e de seus amigos e colegas de trabalho, e a primeira infância de Pedro Nava em Juiz de Fora. Vai até sua partida para o Rio de Janeiro, em 1936. “Rio Comprido”, a última parte, conta a experiência da família no Rio, os passeios do menino com seu tio Salles, o movimento dos vendedores que passavam em sua rua, as viagens para a casa da avó em Juiz de Fora, onde a mulata Rosa lhe contava histórias. É principalmente nessa parte que o narrador interrompe a história para discorrer a respeito da memória e também das faculdades de lembrar e de esquecer, que fazem parte dela. O livro termina com a morte traumática do pai e a partida da mãe, Diva Mariana Jaguaribe, e das crianças para Juiz de Fora.

Graciliano Ramos, ao contrário de Nava, quando em 1945 lançou *Infância*, era um autor bastante conhecido. Havia publicado obras de grande importância para a literatura brasileira, como *São Bernardo*, em 1934, *Angústia*, em 1936, e *Vidas secas*, em 1938, entre outras. Esse é, no entanto, seu primeiro livro de memórias. Grande parte de seus capítulos já haviam sido publicados em jornais e revistas em anos anteriores.

Em *Infância*, um narrador pessimista e desconfiado conta seus primeiros anos de vida e relembra sua infância como um período de sofrimento e incompreensão. É revisto, assim, o lugar-comum da infância idílica: “Os castigos imerecidos, as

maldades sem motivo, de que são vítimas os fracos, estão na base da organização do mundo.” (CANDIDO, 1992, p.53).

A obra apresenta-se dividida em pequenos capítulos de mais ou menos cinco páginas, que possuem grande autonomia com relação ao todo. Tem início com o narrador lembrando-se da primeira coisa que havia registrado na memória: “A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça, cheio de pitombas, escondido atrás da porta.” (RAMOS, 2003, p.9). Nessa época, o narrador é um menino de dois ou três anos, que mora com a família, numa fazenda no interior de Pernambuco. Por problemas financeiros, o pai precisa vender a fazenda e eles mudam-se para Buíque, uma pequena vila, ali nas redondezas. O pai abre uma venda, onde o menino permanece, na maior parte do tempo, isolado das outras crianças. Alguns capítulos são dedicados às experiências bastante traumatizantes nas escolinhas da vila, aos momentos de cegueira, às viagens à fazenda do avô, à relação com a família e com outras personagens importantes na vida do menino.

Após algum tempo em Buíque, a família passa por uma nova mudança. Vai para Viçosa, uma cidade de Alagoas. Antes, no entanto, detém-se por uns meses num engenho, período necessário para que o pai estabeleça a sociedade comercial “Ramos & Costa”. Novas experiências desagradáveis em escolas de fundo de quintal são contadas. Além disso, o narrador fala de seu primeiro contato com a morte, de sua entrada para um colégio maior, de sua breve ligação com a religião, das figuras mais marcantes que frequentavam a mercearia de seu pai e de seu despertar para a literatura, que ocorre independentemente da escola e mesmo à revelia dela. A obra termina com a entrada na adolescência e, assim, com o fim da infância, marcado pelo primeiro amor e pelo vínculo cada vez mais estreito com a literatura.

Temporalidades da autobiografia

Retomando Benveniste (1966), Fiorin (1996) mostra que há um tempo próprio da língua e que ele é irredutível ao tempo crônico. O tempo da língua é estabelecido a partir de um *agora*, inscrito no ato da enunciação pelo discurso e que produz, por oposição, um *então*. Esse agora é o fundamento das oposições temporais da língua e o eixo ordenador da categoria topológica da concomitância e não concomitância com o tempo da enunciação. A categoria (*agora x então*) organiza-se em anterioridade, posterioridade e concomitância. Assim, o ato da enunciação estabelece um ponto como referência temporal no texto, que pode coincidir ou não com o instante da enunciação. As ações, por sua vez, podem desenrolar-se anterior, posterior ou concomitantemente a cada um desses pontos de referência.

As diferentes debreagens temporais, isto é, as projeções no enunciado dos tempos gerados pela instância da enunciação trabalham com dois grandes sistemas temporais: enunciativo e enuncivo. O enunciativo, por possuir um marco temporal concomitante ao da enunciação, cria o efeito de aproximar o enunciado da enunciação, formada por enunciador e enunciatário, e ainda o de subjetividade. Já o enuncivo, por possuir um marco temporal não concomitante ao da enunciação, produz justamente os efeitos contrários de distanciamento e de objetividade. O sistema enuncivo pode ser dividido em dois subsistemas, um que se organiza em torno de um momento de referência anterior ao da enunciação e outro, em torno de um momento posterior ao da enunciação. Esses sistemas e subsistemas manifestam-se, nas diferentes línguas, por meio dos tempos verbais, advérbios, locuções verbais e adverbiais.

Para o estudo do tempo na autobiografia, é necessário ainda ter em mente as duas temporalizações linguísticas possíveis no discurso apontadas por Fiorin: uma do enunciado e outra da enunciação. A primeira refere-se à temporalidade em que os acontecimentos narrados ocorreram, e a segunda, à temporalidade em que o narrador conta os eventos. A partir dessas observações, o autor apresenta quatro tipos de operações temporais: a debreagem enunciativa da enunciação (projetam-se no enunciado os tempos da enunciação), a debreagem enunciva da enunciação (a instância da enunciação não se enuncia, havendo apenas a temporalização do enunciado), a debreagem enunciativa do enunciado (acontecimentos são narrados nos tempos enunciativos) e a debreagem enunciva do enunciado (acontecimentos são narrados nos tempos enuncivos) (FIORIN, 1996, p.290-296).

Baú de ossos, de Pedro Nava (2000), inicia-se com uma debreagem temporal enunciativa. O tempo presente instaurado no texto tem como referência o momento da enunciação: “Eu **sou** um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais” (NAVA, 2000, p.5). Mas, algumas linhas depois desse episódio, o momento de referência passa a variar, em certos trechos mantém-se a concomitância ao momento da enunciação, mas em outros o momento de referência é pretérito, o que caracteriza uma debreagem enunciva do tempo, como em: “Pois **foi** naquele lado fronda que **nasci, às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903.**” (NAVA, 2000, p.8). Assim, a primeira impressão é a de que temos, nessa obra, dois grandes momentos de referência distintos que se alternam e da mesma forma dois sistemas temporais.

A mesma organização temporal percebemos imediatamente em *Infância*, de Graciliano Ramos (2003). Essa obra também começa com uma debreagem temporal enunciativa: “A primeira coisa que **guardei** na memória **foi** um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta.” (RAMOS, 2003, p.9). No mesmo parágrafo, algumas linhas abaixo, já ocorre uma debreagem

enuncia: “**Inculcaram-me nesse tempo** a noção de pitombas – e as pitombas me **serviram** para designar todos os objetos esféricos.”.

É essa apreensão dos tempos que leva Aguiar (1998), aproximando a épica do *memorialismo*, a mostrar que a presença de dois tempos é uma das características do gênero, que possui um presente da narração e um passado da narrativa, ou seja, a temporalidade em que o narrador narra e a dos acontecimentos passados por ele narrados. Também afirma que sempre há predominância dos tempos do narrado:

É assim que, sendo arte narrativa por excelência, o memorialismo se liga à épica, tal como acontece com a novela, o conto e o romance. De modo semelhante ao gênero clássico, o memorialismo exige a presença de um narrador apresentando os acontecimentos e os personagens neles envolvidos e pressupõe sempre dois tempos: o presente em que se narra e o passado em que ocorrem os eventos narrados. As formas épicas são necessariamente posteriores aos acontecimentos que representam. Sendo assim, para o épico é necessária a distância no tempo, entre o presente e o passado, mas é este que deve ressurgir como matéria da épica. A busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiro, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas. (AGUIAR, 1998, p.25).

Os dois tempos de que trata Aguiar são, de acordo com a Teoria Semiótica, manifestados por dois sistemas temporais distintos. Assim, uma das características do gênero seria essa presença concomitante da *temporalidade do narrado*, dada pelo sistema enuncivo (debreagem enunciva do enunciado), e da *temporalidade da narração*, dada pelo sistema enunciativo (debreagem enunciativa da enunciação), com o predomínio do primeiro e, especificamente, dos tempos que possuem um momento de referência pretérito, ou seja, anterior ao da enunciação⁴. Entretanto, parece haver nas autobiografias, não apenas as duas temporalidades já mencionadas, mas também uma terceira: a *da memória*.

As memórias do narrador são matéria para a narrativa autobiográfica. Em muitas autobiografias, como a de Rousseau (1933), por exemplo, a memória é pouco tematizada ou figurativizada, pois é abordada como um material disponível e que já está pronto para ser narrado. Mas, principalmente a partir do século XX, encontramos inúmeros narradores de autobiografias que refletem a respeito de sua própria memória, debatendo seu complicado processo de reinvenção do passado.

⁴ A preponderância do sistema enuncivo é sintomática em grande parte das autobiografias. No entanto, em obras mais recentes, o passado vem sendo narrado em meio a reflexões a respeito do próprio ato de narrar e ainda da memória, expressas pelo sistema enunciativo, o que em alguns casos acarreta num uso quase equivalente dos dois sistemas. As obras estudadas neste trabalho, no entanto, mantêm o domínio dos *tempos do narrado*, embora, em *Baú de osso* principalmente, encontremos um emprego muito grande dos tempos enunciativos, justamente problematizando o fazer autobiográfico.

Há diversas formas de fazer isso. Nas obras analisadas, usa-se muito o sistema enunciativo e, principalmente, o tempo presente com tal intuito. Há momentos em que o narrador apresenta reflexões acerca da memória, utilizando-se da tematização. Geralmente, nesses casos, o tempo verbal empregado é o presente gnômico. Há passagens, no entanto, em que esse processo é revelado pela narração da atividade de rememorar ou ainda de esquecer. Utiliza-se, para isso, da figurativização. Quando ocorre a figurativização da memória, ou seja, quando o narrador se apresenta lembrando ou esquecendo, temos o que chamamos *temporalidade da memória*.

Embora ambos possam ser expressos pelo sistema enunciativo, o tempo de contar e o de rememorar não são exatamente os mesmos, há, ao menos, um breve hiato entre os dois. A narração está sempre um pouco “atrasada” com relação ao ato de lembrar, já que o pressupõe. Ela, no entanto, o incorpora. A rememoração só pode aparecer no texto por estar sendo narrada. A *temporalidade da memória* é mostrada em *Bau de ossos e Infância*, principalmente, como um desdobramento dos tempos enunciativos, como vemos a seguir: “José deu-me várias lições. E a mais valiosa marcou-me a carne e o espírito. **Lembro**-me perfeitamente da cena. Era de noite, chovia, as goteiras, pingavam.” (RAMOS, 2003, p.89).

Entretanto, há obras em que o narrador se lembra de si mesmo, num momento passado, realizando a ação de rememorar, o que dá origem a uma narrativa anterior a esse momento. A *temporalidade da memória* é expressa, então, pelo sistema enuncivo. Cria-se um efeito vertiginoso, em que as diversas temporalidades englobam umas às outras: o sistema enunciativo desdobra-se em *temporalidade da narração e da memória* (narrador lembrando-se no momento presente) e o sistema enuncivo, em *temporalidade do narrado e da memória* (narrador lembrando-se no passado) e, novamente, em *temporalidade do narrado* (narrativa que tem origem com essa segunda lembrança). Há, assim, uma mudança na maneira de compreender a memória, que passa a ser vista como um processo que ocorre durante toda a vida, que não está em momento algum pronto, é uma constante reinvenção do passado. A cena da *madeleine* de Proust (1983, p.45-47) é um exemplo disso:

Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremecei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. [...] E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena, que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leôncia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la no quarto. [...] E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava (embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito mais tarde

tal averiguação, por que motivo aquela lembrança me tornava tão feliz), eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava o seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim [...].

Em *Infância* encontramos poucas ocorrências desse tipo, já em *Baú de ossos* há muitas passagens em que a rememoração é concomitante a um marco temporal pretérito:

Às vezes perturbada nos seus encadeamentos, a associação de ideias dói – como sonda metálica mal conduzida fazendo *fausse route* nos canais do corpo. **Há bem pouco tempo tive** essa experiência. Chegando, um dia, pela Rua do Catete, à esquina de Pedro Américo, **olhei** o torreão (hoje derrubado) da Delegacia de Polícia. Ele se **destacava** sobre a parede clara do arranha-céu, no fundo. Olhando a parede, da representação da parede branca **destacou**-se com dificuldade, num retumbar de palpitações, numa agonia de tonteira, a lembrança da figura defunta de Luís Felipe Vieira Souto. A mim mesmo **espantou** a associação que se me **afigurou** estapafúrdia. Não **era**. Eu **estava** seguindo um curso de pensamento que, de tanto repetido, **fez**-me tomar nele o caminho mais curto e **pulei** da parede, *imediatamente*, à sombra, ao vulto, a que **deveria** chegar *imediatamente* segundo encadeamento regido pelo hábito. É que houve período de minha vida em que eu saía, todos os sábados, de madrugada, para dar plantão no Posto de Salvamento do Lido. Todas as semanas tomava o mesmo bonde e sentava-me no mesmo banco da frente. Saindo da Glória e entrando no Catete, olhava o torreão da Delegacia. Ele crescia num céu desbotado que logo não era céu, pois era parede de arranha-céu. Não é céu, é parede, é parede, parede... Sempre isto vinha quando o bonde me levava ao plantão. O plantão que eu antevivia, nas suas doze horas seguidas. Doze horas de conversa com os colegas, à espera dos afogados arrancados ao mar. Terminado o circuito de ambulância, numa delas vinha o Vieira Souto. (NAVA, 2000, p.293-294).

Assim, ambos os livros estudados possuem três temporalidades: a *temporalidade da narração*, a *temporalidade do narrado* e a *temporalidade da memória*, embora essas temporalidades não sejam usadas da mesma forma em cada autor. O que parece ser peculiar ao gênero autobiográfico é a presença da *temporalidade da memória*, já que o recurso de empregar um narrador contando uma história no passado abarca uma enorme tradição literária e não serve para distinguir a autobiografia de outros gêneros. Com certeza, também essa *temporalidade da memória* pode ser imitada e, assim, aparecer em textos não autobiográficos, mas que de alguma forma buscam reproduzir características suas.

As temporalidades da narração, do narrado e da memória manifestam-se por dois sistemas temporais, conforme já mostramos, o enunciativo da narração, o enuncivo, do narrado, e ambos os sistemas da temporalidade da memória. Os tempos do enuncivo narram a história passada e alguns momentos de rememoração. Os do enunciativo são, geralmente, empregados para se referir à história, para tratar da construção do passado, da memória e da narrativa e estabelecer conexões entre o passado e o presente, mostrando principalmente continuidades entre os dois. O trecho citado abaixo mostra o narrador comentando o próprio ato de narrar com o uso do presente (temporalidade enunciativa), em seguida, retomando a história, com o emprego do pretérito imperfeito, do perfeito 2⁵ e também de locuções adverbiais, pertencentes ao sistema enuncivo.

Mas com tudo isto **estou** saindo da matéria porque **temos** que retomar os nossos anos oitocentos e oitenta e um Major vivo e passando muito bem, obrigado. Obrigado! Obrigado! **âera** o que ele dizia aos parentes e amigos que encheram sua casa a **26 de maio de 1881, dia do nascimento de sua segunda filha, Matilde Luísa e, a 17 de julho de 1883**, em que **veio** ao mundo a terceira, Diva Mariana (Sinhá Pequena), minha Mãe (NAVA, 2000, p. 184).

Com relação ao uso dos tempos enuncivos, é importante comentar ainda a diferença que existe entre os acontecimentos apresentados pelo pretérito perfeito 2 e aqueles narrados pelo pretérito imperfeito. Ambos os tempos verbais indicam concomitância em relação a um marco temporal pretérito, entretanto, diferem com relação ao aspecto. O primeiro produz o efeito de pontualidade, acabamento, dinamicidade e limite, mostra os acontecimentos como vistos de fora. O segundo é inacabado, estático, ilimitado e durativo e mostra os acontecimentos como vistos de dentro. O imperfeito pode ainda apresentar os fatos como sendo durativos descontínuos, o que caracteriza o imperfeito iterativo, ou como sendo durativos contínuos, o que caracteriza o imperfeito descritivo (FIORIN, 1996, p.155-158).

Tanto em *Bau de ossos* quanto em *Infância*, o imperfeito descritivo é usado para mostrar as características das personagens, dos lugares e dos objetos que fizeram parte da vida do narrador. O pretérito imperfeito iterativo relata as ações que eram realizadas repetidamente no passado e que constituem, na maior parte dos casos, os hábitos das personagens. Ambos recriam a vida como ela *era*. O trecho citado a seguir mostra o menino observando o movimento da rua.

⁵ Em outras línguas românicas, como no francês, por exemplo, há um tempo específico para marcar a anterioridade com relação ao presente (*passé composé*) e outro, a concomitância com relação a um momento de referência pretérito (*passé simple*). Isso não ocorre em português, o que leva Fiorin (1996, p.152) a chamar pretérito perfeito 2 o tempo verbal concomitante ao momento de referência passado, distinguindo-o do pretérito perfeito 1, que corresponde à anterioridade no sistema enunciativo.

Trepado no paredão de pedra e seguro ao gradil, não só eu **via** todas as cores do céu despencando, como **ouvia** os ruídos da rua, inseparáveis da impressão luminosa. **Confundia**-os – polifonia e policromia – como se eu mesmo estivesse caindo molemente sobre bolhas de sabão irisadas como arco-íris e sobre luzentes balões verdes, vermelhos, azuis, amarelos e roxos que rebentassem sonorosamente ao peso de meu corpo. [...] O primeiro a entrar na sinfonia **era** aquele apito de fábrica – ainda destituído de seu conteúdo futuro. Logo depois **vinham** vindo os próprios pregões. O áspero e gritado dos peixeiros, alongando o seu *Ipeiiiiixcamaró*, entrando de portão adentro e indo até a escada da cozinha onde **descansavam** as pesadas cestas pendentes do varapau que lhes **esmagavam** os ombros e que eles **seguravam** dos lados, como em gravura chinesa. (NAVA, 2000, p.298-299).

Já o pretérito perfeito 2 é usado para exprimir acontecimentos marcantes que trouxeram grandes mudanças e também para ilustrar ou exemplificar algo descrito pelo imperfeito, tanto descritivo quanto iterativo. A passagem, retirada de *Infância*, retrata a mudança de casa, que é acompanhada pelo fato de a mãe ter deixado de cantar: “Depois, quando nos **mudamos** para a cidade e **melhoraram** as condições econômicas, **sumiram**-se, porque o sentimento artístico de minha mãe se **embotou** ou porque se **tornou** mais exigente.” (RAMOS, 2003, p. 148).

Em ambos os livros, há um desenrolar progressivo dos acontecimentos, determinado por grandes marcos temporais, que organizam sua ordenação no tempo, criando o efeito de um tempo que passa cronologicamente, embora haja interrupções. Esses grandes marcos temporais, como viagens, nascimentos, casamentos, mortes, entre outros, são apresentados com o uso do pretérito perfeito 2. Entre eles, reina o imperfeito, que descreve os fatos como durativos, construindo, assim, um passado guardado na memória com as mesmas características.

Há então duas temporalidades conflitantes, pois existe um tempo que escoá, que passa e que cria o efeito de caminhar progressivamente para um fim certo, e outro que luta contra ele, busca imobilizá-lo ao reconstruir como a vida era. O primeiro, perfectivo, apresenta os acontecimentos como pontuais, acabados e dinâmicos, traz o olhar de fora, e o segundo, imperfectivo, faz justamente o contrário. Esses dois tempos não estão totalmente separados, penetram um no outro, criando uma tensão.

O pretérito imperfeito, mais empregado do que o perfeito⁶, pode contribuir para o efeito de imobilizar a passagem do tempo. Também as emblemas possuem tal função. A debragem cria para o leitor o efeito de que ele está diante de um tempo não-linguístico. Já a emblema, recurso bastante utilizado na literatura, neutraliza os termos da categoria do tempo. Dessa forma, desfaz a ilusão criada

⁶ Contando por amostragem (30% de cada livro) os usos do pretérito perfeito 2 e do pretérito imperfeito, verifica-se que, em ambos, este é mais utilizado do que aquele na narrativa do passado.

pela debreagem de que o discurso traz a temporalidade dos acontecimentos reais. Com a embreagem, o efeito criado é o de que o tempo é construção de um enunciador. A neutralização dos tempos verbais se dá quando um tempo é utilizado com o valor de outro, apagando a oposição entre os dois:

Ao contrário de debreagem, que é a expulsão, da instância da enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado, denomina-se embreagem o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância da enunciação. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p.140).

Tanto em *Baú de ossos*, quanto em *Infância*, as neutralizações predominantes são as que substituem um tempo que exprime concomitância a um marco temporal pretérito (sistema enuncivo) por outro que marca concomitância com o momento da enunciação (sistema enunciativo), presentificando o passado. É o que vemos na passagem em que o narrador, de Nava, por meio de uma embreagem, “transporta-se” para os anos de juventude de seu avô.

Quando tudo isso me dá a chave dos mares vou ter inevitavelmente às baías de São Marcos e de São José e com meu companheiro de curso, Roberto Ave-Lallemant, **chego** a São Luís (que ele chamou de resplandecente e achou parecida com Funchal) naquele ano de 1859 – quando ela era a quarta cidade do Brasil, quando meu avô e Totó Ennes adolesciam e quando eu não tinha idade na antecipação do Tempo. **Reluzem** dominicalmente seus sobrados de vidraça e azulejo, **treme** de calor a distância das ruas limpas – que **sobem** e **descem** e se **cruzam** nas direções oeste-leste (Rua do Sal) e sul-norte (Rua dos Remédios). [...] **Somos agora** três adolescentes vivendo os banhos salinos que ouvi narrar a Ennes de Souza. Fugas ladeira abaixo até o vindouro de canoas de pesca, a praia idílica e pobre, as gaiotas e as tapenas, nuvens de borboletas caindo nas ondas como flores que despencam, o mar todo crespo, espumoso e aderindo exatamente a cada saliência ou dobra do corpo, amargo ao gosto, ardendo nos olhos do mergulhador. Os peitorais novos em folha **empurram**-no de encontro ao horizonte. (NAVA, 2000, p.14).

Baú de ossos e Infância: duas narrativas da memória

Apesar das semelhanças, que apontam as temporalidades próprias do gênero autobiográfico, as duas obras que escolhemos para análise são bem diferentes, pois, em cada uma, o passado invade o presente de um modo próprio. A de Nava

emprega bem mais a *temporalidade da memória* e a *temporalidade da narração* do que a de Graciliano. Também possui mais emblemas do tipo que usa o presente no lugar do pretérito perfeito 2 ou do imperfeito, presentificando o passado, e ainda, emblemas que recobrem trechos mais extensos da narrativa. Cria-se, com isso, o efeito de que os acontecimentos pretéritos estão se desenrolando diante do sujeito da enunciação (enunciador e enunciatário) e podem, por meio da narrativa, ser *revividos*. Há um enfraquecimento das fronteiras que separam o passado do presente, que é bem maior em *Bau de ossos*, como mostra o trecho apresentado a seguir, em que um passado vivo parece irromper-se contra a passagem inexorável do tempo:

Para mim, roçar os dentes num pedaço de batida é como esfregar a lâmpada de Aladim – abrir os batentes do maravilhoso. Reintegro imediatamente a Rua Aristides Lobo, no Rio; a Direita, em Juiz de Fora; a Januária, em Belo Horizonte – onde chegavam do Norte os caixotes mandados por Dona Nanoca com seus presentes para os netos. Docemente mastigo, enquanto uma longa fila de sombras **vem** dos cemitérios para tomar o seu lugar ao sol das ruas e à sombra das salas amigas: **passam** lá fora o Coronel Germano e a Dona Adelina Corroti numa conversa de palavras sem som. Meu pai **entra** sorrindo e seus pés não **fazem** barulho na escada. Minha mãe **chega** em silêncio e **tira** duma jarra um molho de cravinas translúcidas para pôr no coque. A vida recomeça como a projeção (no vácuo!) de um filme de cinema mudo. O céu, sem uma nuvem **é** lindo e desolado como um deserto. **Pesa** o sol a pino despejando luz tão branca e densa que se **tem** a impressão de vê-la descer em lenta pulverulência. O calor do meio-dia seria insuportável sem o vento que não **para**. Ele **entra** pelas portas e janelas abertas – em corrente, em tromba, em golpes, em lufadas e rodamosinhos e numa de suas rajadas chega o moreno amado, vestido de claro, colarinho largo e o vasto chapéu Manilha que lhe empastou, na testa, a cabeleira revolta. **É** hora da sesta e do café depois da metade do seu trabalho. (NAVA, 2000, p.27).

Já na obra de Graciliano, a presentificação é realizada, principalmente, por meio do uso do advérbio *agora*:

Em noites comuns, para escapar aos habitantes da treva, eu envolvia a cabeça. Isto me resguardava: nenhum fantasma viria perseguir-me debaixo do lençol. **Agora** não conseguia preservar-me. O tição apagado avizinhava-se com a salmoura que vertia de gretas profundas. (RAMOS, 2003, p. 98).

Além disso, em *Bau de ossos* os tempos enunciativos são mais utilizados do que em *Infância*, e a dominância do pretérito imperfeito sobre o pretérito perfeito 2, na narrativa do passado, é ainda maior. O modo como esse dois tempos são

utilizados também é diferente em cada obra. O imperfeito em Graciliano mostra, muitas vezes, a experiência vivida do ponto de vista do menino, distinguindo tal visão da que possui o narrador adulto, enquanto em Nava é muitas vezes impossível fazer essa separação, até mesmo por causa do grande uso de embreagens que criam o efeito de fusão não só entre tempos, mas também entre o narrador e o menino. No trecho apresentado a seguir, o narrador de *Infância* mostra suas reflexões por meio do uso do presente, separando-as das sensações vividas pela criança, dadas pelo pretérito imperfeito:

Achava-me num deserto. A casa escura, triste; as pessoas tristes. **Penso** com horror nesse ermo, **recordo**-me de cemitérios e de ruínas mal-assombradas. **Cerravam**-se as portas e as janelas, do teto negro **pendiam** teias de aranha. (RAMOS, 2003, p.36).

Outra diferença é que, em *Bau de ossos*, as grandes rupturas, que ocorreram na vida da criança e de sua família e que seriam expressas pelo pretérito perfeito 2, estão menos em foco do que as continuidades, pois o uso mais frequente desse tempo verbal se dá na narrativa de fatos que ilustram, apesar de suas singularidades, o cotidiano apresentado pelo imperfeito. Logo, os acontecimentos pontuais submetem-se, geralmente, aos durativos, estabelecendo com eles uma relação de continuidade. Vemos isso na passagem em que o narrador descreve os passeios que fazia pela cidade com seu tio Antônio Salles. Após contar que esse tio “[...] se **comprazia** tanto com a companhia de crianças como com a de adultos, **era** o amigo adorado pelos sobrinhos.” (NAVA, 2000, p.364) e que, por essa razão, saía sempre com ele, trata de uma visita específica feita a um de seus amigos. Da janela da casa desse amigo, era possível ver o mar que, para o menino, estava povoado de monstros marinhos: “A uma observação que **fiz** a respeito, meu tio Salles, que tinha imaginação, longe de me dissuadir como o faria um imbecil, **mostrou**-me logo, além dos familiares, outros dragões espojando na espuma e nas ondas.” (NAVA, 2000, p.365). A cena narrada confirma a descrição feita a respeito do tio e exemplifica os passeios realizados com ele. Trata-se de uma visita típica. Temos, então, nessa obra extensos blocos de continuidade, em que se descreve o cotidiano, sem muitas alterações. As grandes transformações ocorrem, mas são esparsas.

Em *Infância*, vemos justamente o contrário. A maior parte dos fatos narrados pelo pretérito perfeito 2 rompe a duratividade criada pelo imperfeito, estabelecendo uma nova duratividade. É o caso, por exemplo, da passagem em que o narrador, após descrever Fernando, “sujeito magro, de olho duro, aspecto tenebroso, afirma “Pois um dia a minha convicção se **abalou** profundamente.” (RAMOS, 2003, p.221 e p.227) para, em seguida, narrar o episódio em que o homem perverso se mostra preocupado com as criancinhas. Chama-nos a atenção a grande recorrência de experiências de aspecto incoativo mostradas nessa obra: “A primeira coisa que

guardei na memória [...]” (RAMOS, 2003, p.9), “Pela primeira vez falaram-me no diabo.” (RAMOS, 2003, p.28), “As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão.” (RAMOS, 2003, p.34), “Eu nunca tinha visto um cadáver.” (RAMOS, 2003, p.95), etc. As mudanças aspectuais, marcadas pelas primeiras vezes, são responsáveis por dar início a uma nova maneira de ver da criança. Embora os capítulos sejam breves, quase todos possuem como tema alguma grande ruptura, que obriga o menino a refazer o seu mundo. Assim, temos, nessa obra, uma sucessão de descontinuidades, permeada por pequenos blocos de continuidade. Ao contrário do que encontramos em *Baú de ossos*, a duratividade parece sucumbir à pontualidade.

O uso distinto desses tempos verbais nas duas obras estudadas constitui um dos fatores que contribuem para criar velocidades diferentes nelas. Embora os primeiros capítulos de Nava abarquem séculos de história, a aceleração em Graciliano é maior, justamente pelo modo como as transformações e permanências são apresentadas. Ela é, nesse caso, o efeito criado por uma determinada combinação aspectual.

O uso muito grande dos tempos do sistema enunciativo e das embreagens e a submissão dos acontecimentos pontuais aos durativos, que acabamos de apontar, acabam por criar, em *Baú de ossos*, a ilusão de um mundo, em que é possível ir do presente para o passado, assim como do passado para o presente. Apesar de, nessa obra, também encontrarmos momentos irônicos, de deboche ou de raiva, com certeza, o tom dominante é o da nostalgia, já que a relação estabelecida pelo narrador com o passado e, principalmente, a infância, momento que busca recuperar por meio de sua narrativa, é marcada pela saudade. Sua infância, embora contenha acontecimentos dolorosos como a morte do pai, representa uma espécie de idílio, em que um homem velho e decepcionado com a vida pode encontrar o garoto que foi, cheio de sonhos e ilusões:

Manuel Bandeira que era amigo do rei, ia-se embora pra Pasárgada. Ai! De mim, sem rei amigo nem amigo rei, que quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste (“...Mas triste de não ter jeito...”), só quero reencontrar o menino que já fui. (NAVA, 2000, p.289).

Na procura dessa época melhor, é criado um passado que parece ser mostrado tal qual a memória o guarda, como algo que não acabou, que ainda vive, sempre por refazer-se na memória. É como se o narrador buscasse reviver o passado.

Já em Graciliano, notamos uma infância nada idealizada. Os acontecimentos narrados, em sua maioria, são muito traumáticos e mostram uma criança desamparada, em constante desencontro com o mundo, salvo raras exceções. Não há, como em Nava, um sentimento de comunhão ou de totalidade que se busca

reencontrar. Em *Infância*, revela-se a violência do pai, da mãe, da avó e, ainda, de outros, mais tarde compreendida em parte pelo narrador, que passa a perceber, no mundo e principalmente nas relações de poder, uma fatalidade e uma gratuidade perversas. É talvez contra tal fatalidade do mundo que se insurge essa obra ao recorrer à *temporalidade da memória*.

O fato de a infância representar para o narrador um período de grande sofrimento explica a parcimônia no uso dos tempos enunciativos, o distanciamento da visão do menino da que possui o narrador adulto e ainda a submissão dos acontecimentos durativos aos pontuais e acabados, que enfatizam a transformação. É como se o narrador quisesse manter o passado à distância. Rememorar parece ser uma atividade dolorosa, como fica claro no capítulo “Um cinturão”, em que o narrador confessa que ao deparar com uma pessoa colérica volta-lhe a horrível sensação de que lhe “[...] furam os tímpanos com pontas de facas.” (RAMOS, 2003, p. 35). Isso vem ao encontro do tom do narrador, seco e pessimista. Ele busca conter os excessos da subjetividade. É nesse narrador que o menino brutalizado se transforma um dia.

A diferença no uso dos tempos enunciativos e dos outros recursos já citados também pode ser relacionada ao modo como a identidade do ator central é construída em cada uma das obras estudadas. Em *Baú de ossos*, são ressaltadas as continuidades existentes entre os tempos e, assim, entre o menino e o narrador adulto. O narrador afirma, muitas vezes, que se constituiu com aquilo que herdou de seus antepassados. Mais do que isso, deixa-se invadir pela memória de seus antepassados, como fica claro na passagem, em que, por meio de uma embreagem temporal, revive os anos de juventude de seu avô.

Reconstrói o percurso de formação de sua identidade a partir do que permaneceu através dos tempos, o que está em acordo com o grande uso do sistema enunciativo.

Atento agudamente nesses retratos no esforço de penetrar as pessoas que **conheci** (uns bem, outros mal) e cujos pedaços **reconheço** e **identifico** em mim. Nas minhas, nas deles, nas nossas inferioridades e superioridades. Cada um **compõe** o Frankenstein hereditário com pedaços dos seus mortos. Cuidando dessa gente em cujo meio **nasci** e de quem **recebi** a carga que **carrego** (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) **tenho** que dizer a verdade, só a verdade e se é possível, toda a verdade. (NAVA, 2000, p.200).

Em *Infância*, dá-se exatamente o contrário. O narrador vai mostrando que sua aprendizagem se fez no constante conflito com o mundo a sua volta, inclusive com seus pais. Quando parece estar seguro a respeito do funcionamento do mundo ou ter certezas sobre o comportamento das pessoas, algo ocorre e o deixa novamente

perdido. Já temos um prenúncio dessa conflituosa relação nas primeiras linhas da obra, quando o menino tenta categorizar aquilo que vê e logo percebe que está nomeando as coisas de maneira incorreta: “Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas – e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro, e isto me perturbou.” (RAMOS, 2003, p.10). Assim, de seu passado, recupera, no geral, rupturas.

Desconfia, desde bem pequeno, de qualquer gesto de bondade, como mostra o momento em que o pai lhe pergunta se gostaria de aprender a ler, e ele já se mostra preocupado com o que virá. Identifica-se muito com o avô paterno, que não era bem visto entre seus familiares, conforme afirma inúmeras vezes. Reconstrói o percurso de formação de sua identidade a partir, principalmente, daquilo que rejeita. Os valores que dominaram sua infância, por serem os de sua família, parece não encontrarem muito eco nos do narrador adulto. Tal negação é ressaltada pelo gradual afastamento de sua família e pela proximidade que vai adquirindo da literatura. O pequeno uso dos tempos enunciativos, entre outros recursos já comentados, confirma isso.

Podemos concluir que *Baú de ossos* remete a uma *ética da mistura*, enquanto *Infância*, a uma *ética da triagem*⁷. A grande dominância do aspecto durativo sobre o pontual, do inacabado sobre o acabado, a abundância de embreagens, o grande uso dos tempos enunciativos revelam que, em Nava, busca-se apagar as fronteiras entre o *agora* e o *então*, a vida e a morte, e também entre o narrador, o menino que ele foi e ainda seus antepassados. Isso justifica em parte o grande número de citações de obras brasileiras e estrangeiras e também a necessidade de narrar de modo tão detalhado as experiências de familiares, amigos, conhecidos e mesmo de pessoas que nem conheceu; de mostrar cada cidade em que seus antepassados viveram, descrevendo ruas, edifícios e instituições ou ainda de, minuciosamente, apresentar as comidas feitas por tias, avós, primas, os objetos que passaram de geração em geração, as casas em que morou, explicando como cada cômodo era ocupado, etc. Em cada uma dessas coisas, o narrador se reconhece.

Já em Graciliano, a tentativa é justamente de fortalecer os limites. Há pouco uso de embreagens e um pequeno emprego dos tempos enunciativos. Além disso, o narrador procura deter suas memórias nas experiências da criança, sem abordar muitos fatos que não viveu, e ainda deixar clara a separação e as diferenças entre o adulto e o menino. Recua pouco ao tratar de seus antepassados, fala apenas de bisavós, avós e pais e, ainda assim, sem se alongar muito. Os acontecimentos de maior destaque na obra são acabados, podem ser *lembrados*, mas *não revividos*. Aquela criança que os vivenciou já não existe mais, embora tenha deixado suas marcas.

⁷ Os termos “mistura” e “triagem” têm como fonte a obra *Tensão e significação* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

A memória para o primeiro narrador é da ordem da abertura, da mobilidade, abarca o máximo possível, enquanto para o segundo, liga-se ao fechamento, à rigidez, ao mostrar apenas o essencial. O modo de conceber os capítulos é um exemplo disso. Em *Baú de ossos*, há quatro grandes capítulos, de mais ou menos 80 páginas, que narram a vida do narrador e de seus antepassados, passando de geração em geração, até desembocar em sua infância. Trata-se de uma narrativa, que, como dissemos acima, quer tudo abranger. Em *Infância*, ao contrário, há 39 capítulos, de mais ou menos cinco páginas, que mostram os lugares em que morou o narrador e as pessoas que marcaram sua infância. Os capítulos, salvo algumas exceções, não possuem continuidade entre si, cada um narra um episódio diferente. Parecem estar ligados uns aos outros apenas por pertencer a um mesmo período e constituir os fragmentos das memórias de um mesmo sujeito. Cada um possui um limite bem definido.

O quadro, apresentado a seguir, resume as principais diferenças entre *Baú de ossos* e *Infância* examinadas neste trabalho:

Ética da mistura – *Baú de ossos*

Ética da triagem – *Infância*

Grande uso da *temporalidade da narração*

Pequeno uso da *temporalidade da narração*

Grande uso da *temporalidade da memória*

Pequeno uso da *temporalidade da memória*

Grande uso do sistema enunciativo

Pequeno uso do sistema enunciativo

Grande uso de embreagens

Pequeno uso de embreagens

Grande discrepância entre uso do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito 2

Pequena discrepância entre uso do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito 2

Narração da experiência dos outros

Narração da experiência apenas da criança (narrador)

Menor distinção entre visão do menino e do narrador

Maior distinção entre visão do menino e do narrador

Dominância do aspecto durativo sobre o pontual

Dominância do aspecto pontual sobre o durativo

Quadro 1 – Duas formas de organizar o tempo

Considerações finais

As diferenças apontadas entre *Baú de ossos*, de Pedro Nava (2000), e *Infância*, de Graciliano Ramos (2003), permitem, antes de mais nada, verificar que o gênero autobiográfico possui grande flexibilidade, confirmando a tese de Bakhtin (2006, p.265) de que o gênero é um enunciado *relativamente* estável.

As duas obras analisadas possuem características temporais comuns, como a presença de três temporalidades distintas, *da narração, do narrado e da memória*, construídas por dois sistemas diferentes, o enuncivo pretérito e o enunciativo, com predomínio do primeiro sobre o segundo. Cada sistema, conforme se mostrou, possui uma função específica na autobiografia. Com relação ao sistema enuncivo, notou-se que, em ambos os livros, o pretérito perfeito 2 é um pouco menos utilizado do que o pretérito imperfeito, na narrativa do passado. Há a presença de embreagens, principalmente das que empregam um tempo presente no lugar do pretérito perfeito 2 ou do pretérito imperfeito, para presentificar o tempo autobiográfico.

Entretanto, o modo como em cada obra se utilizam os tempos verbais, advérbios e locuções adverbiais e, assim, os sistemas temporais revela maneiras diferentes de se construir a memória do passado e as relações de cada narrador com esse outro tempo. Se em Nava a memória é mobilidade e abertura, parece querer abarcar o passado em sua totalidade, em Graciliano ela limita, separa, apresenta apenas o essencial. O narrador de *Baú de ossos* quer reviver o passado, já o de *Infância*, observá-lo a uma distância segura.

BARROS, M. L. P. Time and memory. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.2, p.537-555, 2009.

- **ABSTRACT:** *In autobiographies an individual's life is told by himself. He revives his past, which is present just in memory, through the process of writing. As it is impossible to capture this revival in real time, it can only be achieved due to the intrinsic time properties couched in language. But how can one retrieve something that does not exist anymore? On dealing with such issues, autobiographies reflect upon time. With this backdrop, this paper aims to carry out a semiotic study of time in the autobiographic discourse. Two literary works are analyzed: "Baú de ossos", by Pedro Nava, and "Infância", by Graciliano Ramos. Grounding this study on the discourse syntax, the construction process of the past time as an enunciation strategy is closely examined in both works. In sum, this paper intends not only to show the specificities of each work but also to establish a general time feature of the autobiographical genre, i.e. the presence of the following three different temporalities: narration, narrative, and memory temporalities.*
- **KEYWORDS:** *Autobiography. Memory. Time. Genre. Discourse syntax. Pedro Nava. Graciliano Ramos.*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. A. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. v.1.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo Casa. Bauru: EDUSC, 2003.

CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983.

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

NAVA, P. *Baú de ossos*. São Paulo: Ateliê, 2000.

PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*. Tradução de Mario Quintana. Porto Alegre: Ed. Globo, 1983.

RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ROUSSEAU, J.-J. *Les confessions de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Pleiade, 1933.

Recebido em março de 2009.

Aprovado em maio de 2009.

